OPUS DEI OU OPUS JUDEI? MAIS UMA INFILTRAÇÃO DE SATANÁS PARA DEMOLIR A IGREJA

Padre Curzio Nitoglia[1]

Introdução

Eu já havia escrito sobre o tema do Opus Dei quando, por casualidade, deparei com um folheto de um porta-voz da "Obra" que me fez refletir. No texto se lia: *"Um dia,* Caminho *foi queimado publicamente em um colégio de religiosas em Barcelona, cidade na qual o governador havia dado ordem de prisão a Mons. Escrivá. O fundador havia sido igualmente denunciado ao tribunal militar especial para a repressão da franco-maçonaria; suas detrações qualificavam o Opus Dei como 'esse ramo judaico da maçonaria', ou 'essa seita judaica em relação com a maçonaria'"*.[2] O tema me impactou, tratei de me aprofundar no assunto. Recordo que a revista *30 Giorni* abordou o problema. No n. 5 de maio de 1990, encontrei um interessante artigo de Marina Ricci, no qual se lia: *"Ao fim de agosto de 1939, o Opus Dei abriu um oratório em Madrid. Dizia-se que estava decorado com símbolos cabalísticos e maçônicos"*.[3] E também: *"Em 1941* (...) *Escrivá foi denunciado ao tribunal especial para a repressão dos crimes da maçonaria e do comunismo.* (...) *Escrivá foi igualmente denunciado em 1941 às autoridades civis de Barcelona. A acusação era sempre a mesma: afirmava-se que debaixo do nome Opus Dei se ocultava um ramo judeu da maçonaria.* (...) *Em um convento de religiosas carmelitas foi queimada publicamente uma cópia de* Caminho, *o primeiro livro escrito por Escrivá"*.[4] Essa coincidência me surpreendeu, nunca imaginei uma coisa parecida, salvo que achei por casualidade uma série de outros artigos muito interessantes que acrescentavam outras informações a esses textos.

Fabio Andriola entrevistou o grão-mestre do Grande Oriente da Itália, o advogado Virgílio Gaito, e lhe perguntou: *"Quais são as relações entre vocês e a assim chamada 'maçonaria católica'?"*. *"Penso"*, respondeu Gaito, *"que o Opus Dei tem uma visão universal muito ampla... Este Mario Conde, que hoje tem a honra das crônicas, é um célebre representante do Opus Dei, e está também no conselho de administração de uma certa sociedade que tem como chefe o grão-mestre Di Bernardo"*.[5] Ademais, Gaito revelou a *30 Giorni*: *"Em Lucerna, Suíça, Di*

---

[1] *Sodalitium*, n. 42, oct./nov. 1996.
[2] Dominique Le Tourneau, *L'Opus Dei* (PUF, 1984), p. 41.
[3] Marina Ricci, *Presto un'aureola per Escrivá* (30 Giorni, 5 mai. 1990), p. 14.
[4] *ibidem*, p. 15.
[5] Fabio Andriola, *La Loggia é una cara di vetro* (L'Italia Settimanale, 26 jan. 1994), p. 72.

Bernardo criou a Fundação Dignity, presidida pelo professor Vittorio Mathieu, que, me parece, pertence ao Opus Dei, e da qual participa Giorgio Cavallo, ex-reitor da Universidade de Turim e ex-inscrito na Loja P-2. (...) *Está também o financista 'opusdeísta' Mario Conde".*[6]

Porém isso não termina aqui. Em um livro muito bem documentado se lê: *"Foi Giuliano Di Bernardo quem, em 1970, pediu inscrição na loja P-2... Os meios financeiros e os fins da Fundação Dignity parecem pouco claros. Este organismo, do qual é presidente Di Bernardo, e o banqueiro espanhol Mario Conde, um dos principais inspiradores... Da fundação dependem uma academia de filosofia e um instituto de tradições místicas. Este último prepara um congresso sobre 'misticismo judaico e cristão'. O financista não seria outro senão Mario Conde, próximo ao Opus Dei. Entre os possíveis mecenas da Fundação Dignity, encontra-se também Marc Rich, citado por Di Bernardo como dispensador de cursos de esoterismo judaico".*[7]

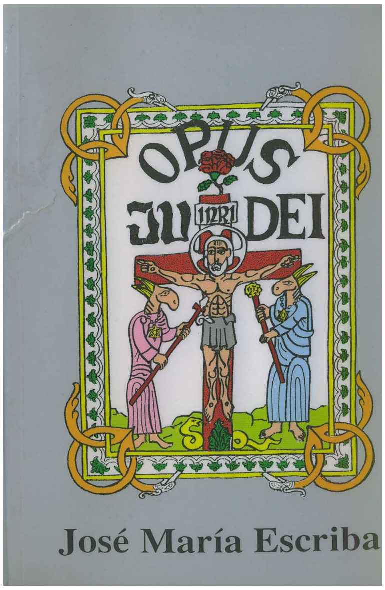
Opus Dei ou Opus Judei?

Porém o fato que mais me surpreendeu foi um livro que me enviaram da Colômbia, intitulado *Opus Judei*, escrito por José Maria Escriba (seguramente se trata de um pseudônimo), publicado em 1994 por Orion Editores em Bogotá, Colômbia. Esse livro proporcionou-me muitas informações que me eram completamente desconhecidas, sobre a vida, a doutrina e a obra de Mons. Escrivá. Nem tudo nele é para se tomar ao pé da letra, mas me parece que algumas afirmações estão bem documentadas e são sérias. Eu as submeto ao leitor tal como o autor as apresenta.

Antes de tudo, o autor sustenta que muitas bibliografias elogiosas de Mons. Escrivá estão cheias de afirmações inexatas: atribui-se a Mons. Escrivá uma série de estudos e títulos sem nenhuma justificação. Por exemplo, que fosse superior do Seminário São Francisco de Paula de Zaragoza, professor de Direito Econômico e de Direito Romano em Zaragoza e em Madrid, e licenciado em Teologia na Pontifícia Universidade de Zaragoza.[8]

---

[6] G. Cubbeddu, *Giuliano il teista* (30 Giorni, febrero de 1994), p. 29.
[7] Fabio Andriola, Massimo Arcidiacono, *L'anno dei complotti* (Baldini y Castoldi, 1995), p. 322–323.
[8] José Maria Escriba, *Opus Judei* (Orion, 1994), p. 74.



José María Escriba (pseudônimo), *Opus Judei* (Orion, 1994)

A família de Mons. Escrivá

José Maria Escriba Albás foi o segundo de seis filhos. Nasceu em 9 de janeiro de 1902, em Barbastro, Huesca. Seu pai, José Maria Escriba Corzan se dedicou ao comércio de tecidos.[9] Francisco Umbral escreveu no diário *El País*: *"Espanha é um tabuleiro de oportunistas. O último foi Escrivá. Os Escrivá são uma família de comerciantes que fugiu de noite de Barbastro para evitar os seus credores"*.[10] Segundo Luis Carndell, o ingresso de Mons. Escrivá no seminário havia sido ditado pelas dificuldades econômicas de sua família.[11]

Seminário e adolescência

O mesmo Escrivá afirmou: *"Nunca pensei em fazer-me sacerdote, nem me entregar a Deus... Inclusive eu me sentia anticlerical"*.[12] Porém, qual era a predisposição de Escrivá quando tomou a decisão de começar os estudos eclesiásticos no seminário? Ele mesmo responde: *"Eu não tinha uma só virtude, nem um único centavo"*.[13] O insuficiente conhecimento do latim pesou muito sobre a vida de Escrivá.[14] Permaneceu no seminário de Logroño desde outubro de 1918 até

---

[9] Salvador Bernal, *Monseñor Josemaría Escrivá de Balaguer* (Rialp, 1976), p. 9.
[10] *Los del Opus*. El País, 19 jan. 1986.
[11] Luis Carandell, *Vida y milagros de Monseñor Escrivá de Balaguer* (Editorial Laia, 1975), p. 118.
[12] Salvador Bernal, *op. cit.*, p. 55.
[13] *id.*, p. 31.
[14] Luis Carandell, *op. cit.*, p. 142–143.

setembro de 1920, ano em que partiu para Zaragoza. Segundo Luis Carandell, Escrivá havia sido expulso do seminário.[15]

Delírio de grandeza?

O certificado de batismo de Mons. Escrivá, como disse o autor de *Opus Judei*, que se conserva no registro da catedral de Barbastro, reza: *"Em Barbastro, no dia 13 de janeiro de 1902, o Padre Ángel Malo batizou solenemente a uma criança nascida às 22 horas de 9 de janeiro, filho legítimo de José ESCRIBA"*.[16] Para estar todavia mais seguro, informei-me e pedi a ata de batismo, da qual obtive uma fotocópia, e esta reproduz exatamente a mesma informação. Uma nota à margem, acrescentada em 1943, indica uma mudança de sobrenome para Escrivá.[17]

Por que Mons. Escrivá, que nasceu Escriba, sentiu a necessidade de mudar de sobrenome, senão para ocultar suas origens? Quando o grande rabino de Roma, Israel Zolli, converteu-se sincera e realmente ao cristianismo, não mudou de sobrenome, tampouco o rabino Drach ou os irmãos Lémann; ao contrário, o que mudava de apelido era o marrano, que exteriormente se apresentava como cristão e interiormente e de maneira oculta judaizava.[18] O seu sobrenome, pois, era Escriba entre 1915 e 1918, quando era estudante no Instituto Secundário de Logroño, porém já nessa época ele assinava Escrivá. Em 16 de junho de 1940, nos informa o autor, apareceu um édito publicado na Gazeta Oficial do Estado, em virtude do qual os irmãos Carmem, José Maria e Santiago Escrivá e Albás "eram autorizados a mudar seu sobrenome para Escrivá de Balaguer". Então, depois de 1918 e antes de 1940, Mons. Escrivá já havia mudado seu nome de Escribá para Escrivá, e em 1940 agregou o título de Balaguer.

Em resumo, as mudanças foram:

- 1902: José María Escriba (com o B de Bologna; como se pode ler no certificado de batismo);
- 1915–1918: assina José María Escrivá (com V de Veneza, e acento no A);
- 1940: José María Escrivá de Balaguer;
- 1960: Josemaría (em uma só palavra) Escrivá de Balaguer;
- 1968: Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás, marqués de Peralta.

---

[15] *id.*, p. 147.
[16] José Maria Escriba, *op. cit.*, p. 123.
[17] Luis Carandell, *op. cit.*, p. 79–80.
[18] José Maria Escriba, *op. cit.*, p. 126. Cf. *Sodalitium*, n. 39, p. 18.

Ainda segundo o autor de *Opus Judei*: *"A concessão do título que exibiu a partir de 1968 se encontrava manchada por numerosas anomalias e irregularidades: por exemplo, na Assembléia da Nobreza se oculta fraudulentamente, em 1968, a manipulação do apelido Escriba, circunstância que não aparece no sobrenome de reabilitação do título de marquês de Peralta, pedida por Josemaría Escrivá de Balaguer e Albás"*.[19]

O título de marquês, como dignidade pessoal e intransferível, foi concedido pelo arquiduque Carlos de Áustria a dom Tomás de Peralta em 12 de fevereiro de 1718, e nunca nenhum filho nem herdeiro legítimo de dom Tomás reivindicou um título intransferível. *"Calcula-se que a compra do título custou, à época, a soma de 250.000 pesetas"*.[20] O periodista Luis Carandell se pergunta com razão: *"Que razão podia justificar o fato de Mons. Escrivá, fundador de um instituto que persegue a santificação de seus membros, reivindicar um título nobiliárquico?"*.[21] Outro periodista, Juan Gomis, escreveu na revista *El Ciervo* um artigo intitulado *Que é isso, Monsenhor?*, no qual se perguntava: *"Como é possível que um sacerdote aspire a estas honras?"*. Por sua parte, o prêmio Nobel de Literatura Camilo José Cela escreveu: *"Os religiosos não são nem marqueses nem condes.* (...) *Nada disso é sério. A gente se rirá muito desse marquesado"*.[22]

Coincidências inquietantes

Quando morreu o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, Mons. Javier Echevarría, atual prelado do Opus Dei, enviou suas condolências à liga anti-difamatória (ADL) da B'nai B'rith, por meio da Sra. Lisa Palmieri-Billig (que, oh coincidência!, escreve em *Studi Cattolici*, a revista do Opus Dei). Agora bem, sabemos que a Sra. Billig é a representante da B'nai B'rith. Também sabemos que Rabin era franco-maçom, como declarou Virgilio Gaito.[23] Como pode ser que o atual prelado do Opus Dei e sucessor de Mons. Escrivá de Balaguer e de Álvaro de Portillo envie condolências a Sra. Billig "como representante na Itália da ADL da B'nai B'rith"?[24]

Ademais, quando morreu Álvaro de Portillo, foi posto um lenço branco sobre o piso, não sobre uma cama ou uma mesa, como fazem os cristãos. Ritual estranho? Não, os judeus têm o costume de colocar seus mortos dessa forma na terra, como

---

[19] José Maria Escriba, *op. cit.*, p. 129.
[20] *id.*, p. 127; cf. Jesús Infante, *La prodigiosa aventura del Opus Dei* (Ruedo Iberico, 1970), p. 32.
[21] Luis Carandell, *op. cit.*, p. 64.
[22] José Maria Escriba, *op. cit.*, p. 129.
[23] F. Torriero, *Ferma è la Massoneria* (L'Italia Settimanale, 22 fev. 1996), p. 29.
[24] Cf. Lettre del 6/11/1996.

podemos ler em *Regole ebraiche di lutto*: *“Los despojos se extienden sobre el suelo”*.[25] Simples coincidência ou cripto-judaísmo?

Anomalias ascéticas e pastorais do Opus

Para concluir, quisera retomar o discurso que havia começado em *Sodalitum*,[26] a propósito da concepção do trabalho nos escritos de certos autores do Opus Dei. Dominique Le Tourneau, porta-voz do Opus, escreve: *“Na vida do povo cristão o trabalho não é tomado como algo bom em si, senão como um meio ascético. Depois de São João Crisóstomo, tem-se a impressão de que o cristão médio não se encontra chamado a viver o Evangelho”*.[27] E continua: *“A aparição das ordens mendicantes* (...) *não comporta a afirmação do valor do trabalho profissional.* (...) *Santo Tomás apresenta as ocupações seculares como um obstáculo para a contemplação.* (...) *No curso dos séculos a atenção se desvia do trabalho”*.[28] E finalmente, depois de quinze séculos de catalepsia veio Escrivá, *et labor caro factum est*. Um pouco mais longe, o teólogo do Opus acentua: *“Uma certa evolução positiva é esboçada pelo Renascimento com homens como Erasmo”*.[29] E sobre este ponto, o autor cita o mesmo Escrivá: *“O caminho da vocação religiosa me parece necessário na Igreja, porém não é o meu, nem é o dos membros do Opus.* (...) *Vindo ao Opus, eu o fiz com a condição explícita de não mudar de estado”*.[30] João Paulo I disse justamente que, se São Francisco de Sales propôs uma espiritualidade para leigos, Escrivá propõe uma espiritualidade laica.[31]

Juan Morales afirma, depois de haver estudado sete obras das edições Rialp (do Opus), que a Obra *“é um verdadeiro cavalo de Tróia no seio da Igreja”*.[32] O autor mostra, com muitas citações, que o espírito de Mons. Escrivá era não somente laico senão claramente anti-clerical. Peter Berglar diz: *“Escrivá estava contente de fazer ordenar seus três primeiros sacerdotes, porém também triste de que não permanecessem laicos”*.[33] Salvador Bernal escreve a este respeito: *“Para nós (Mons. Escrivá), o sacerdócio é uma circunstância, um acidente, já que no Opus a vocação dos sacerdotes e dos seculares é a mesma”*.[34] E um pouco mais longe: *“As obras apostólicas organizadas pelo Opus Dei* (...) *se governam com uma*

---

[25] *Regole ebraiche di lutto* (Carucci, 1980), p. 17.
[26] Cf. n. 40, p. 69–71.
[27] Dominique Le Tourneau, *El Opus Dei* (Ediciones Rialp, 2006), p. 20.
[28] *id.*, p. 22–23.
[29] *id.*, p. 23.
[30] *id.*, p. 25.
[31] *id.*, p. 26.
[32] Juan Morales, *El Opus Dei: su verdadera faz* (Madrid, 1991).
[33] Peter Berglar, *Opus Dei* (Ediciones Rialp, 2002), p. 218.
[34] Salvador Bernal, *op. cit.*, p. 153.

mentalidade laica (...), *é por esse motivo que não são confessionais"*.[35] Essas doutrinas, vistas com desconfiança na Espanha nos anos 40 (e que expressam o culto do trabalho, do dinheiro, o laicismo, o anti-clericalismo, marca característica da judeo-maçonaria), foram logo ratificadas pelo Concílio Vaticano II, como disse Vázquez del Prada.[36] Os membros do Opus Dei não têm nenhuma dificuldade em admitir o espírito essencialmente inovador (ainda que aparentemente conservador) da Obra, uma das características mais enganosas da instituição. A esse respeito, José Miguel Ceja afirma: *"As páginas de* Caminho *representavam uma novidade quase escandalosa"*.[37] É significativo o fato de que, segundo Escrivá, o homem foi criado por Deus não para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo, senão para trabalhar, e, para provar essa afirmação, Mons. Escrivá não hesita em desnaturalizar a significação da Escritura, onde se diz que Deus "pôs o homem no jardim de delícias para cultivá-lo".[38] O trabalho para o cristão não é um fim, senão somente um meio (inclusive de santificação). Para o calvinista e o talmudista, o trabalho pode ser um fim, porém não para o católico.[39]

O pluralismo

Mons. Escrivá dizia: *"O pluralismo não é mais temido, senão amado como uma consequência legítima da liberdade pessoal"*.[40] *"Sua paixão pela liberdade levou a transformar as casas da Opus Dei em residências interconfessionais"*.[41] Sobre isso, Berglar diz: *"Quando o fundador obteve finalmente a permissão para admitir na Obra a não-católicos e não-cristãos entre os 'cooperadores', a família espiritual do Opus Dei se completou"*.[42] Tal espírito ecumenista e pancristão já havia sido condenado em 1928 por Pio XI, em sua encíclica *Mortalium Animos*, como algo separado por completo da religião revelada.

O poder político do Opus

Em 1957, o generalíssimo Francisco Franco formou seu sexto governo. Entraram novos ministros, muitos deles eram tecnocratas, alguns pertenciam ao Opus. *"A economia espanhola se encontrava em dificuldades* (...) *o Caudilho buscava homens eficazes*. (...) *Sobre quatro tecnocratas, três são do Opus Dei*. (...) *Eles*

---

[35] *id.*, p. 30.
[36] Andrés Vázquez del Prada, *El fundador del Opus Dei* (Ediciones Rialp, 2004), p. 336.
[37] José Miguel Ceja, *Estudios sobre 'Camino'* (Ediciones Rialp, 1988), p. 100.
[38] Gn 2,15.
[39] Cf. *Sodalitium*, n. 40, p. 70.
[40] *Reportaje a Mons. Escrivá de Balaguer* (Fayard, Paris), p. 126.
[41] Nicolas Dehan, *Un extraño fenómeno pastoral, el Opus Dei* (Le sel de la terre, n. 11, invierno 1994–1995), p. 135.
[42] Peter Berglar, *op. cit.*, p. 244. Cf. também Vázquez del Prada, *op. cit.*, p. 258.

empreenderam as reformas e começaram o aggiornamento. (...) *Quanto mais aumenta a influência de ministros do Opus, mais diminui a da Falange.* (...) *Grupos de altos financistas chegaram à Espanha.* (...) *Eles elaboraram um plano de estabilização e prometeram que sua aceitação aportaria todas as classes de vantagens: a peseta se estabilizaria, o governo americano e os bancos americanos ajudariam. Sustentado pelos economistas do Opus, o plano foi aceitado oficialmente pelo governo em julho de 1959.* (...) *Esses tecnocratas, obcecados pela produtividade e o êxito material a todo custo* (...) *sacrificando a parte alta, nobre ou espiritual do indivíduo, logo chamaram financistas internacionais e políticos mundialistas. A Espanha, preservada ao menos oficialmente e por leis da corrupção moral, abriu, graças ao Opus Dei, suas fronteiras para fazer entrar dinheiro.* (...) *Em 1961, as hordas ocidentais trouxeram às praias espanholas mil milhões de dólares, os espetáculos imorais e o fermento da corrupção do liberalismo. Espanha sacou um verdadeiro proveito?".*[43] Distingo: enquanto ao trabalho ("opusdeisticamente" falando, como fim do homem), sim, porém, em relação ao Reino dos Céus (cristãmente falando), penso verdadeiramente que não.

Conclusão

Parece-me que o dilema ante o qual nos encontramos no começo do artigo (Opus Dei ou Opus Judei?) pode ser facilmente resolvido pelo leitor.

***

Nota da Confraria de São João Batista: reparem, no artigo abaixo, que o fundador do Opus Dei era ecumênico, inovador, nada conservador, indo contra a determinação do Papa Pio XII de evitar o ecumenismo e a mistura com outras religiões — mais um indício de prática judaizante e cripto-judaísmo —, além de ter sido queridinho de João Paulo II, judaizante-mor, avacalhador do Rosário, vendilhão do templo, antropocêntrico e (falso devoto mariano) sem fé.

O Opus Dei e a política[44]

Monsenhor Vicente Ancona Lopez

O Opus Dei aparecer no WikiLeaks era uma questão de tempo; em um primeiro momento, soa engraçado o poder que nos atribuem. Confesso que me divirto com

[43] Peter Berglar, *op. cit.*, p. 244. Cf. também Vázquez del Prada, *op. cit.*, p. 258.
[44] Folha de São Paulo, 13 de março de 2011.

os comentários que, de vez em quando, saem na imprensa sobre o Opus Dei e a sua suposta atuação política. Aparecer no WikiLeaks era uma questão de tempo.

Num primeiro momento, soa engraçado o poder que nos atribuem; depois, na autocrítica, a conclusão é séria: a nossa comunicação precisa melhorar. Não se trata de melhorar a imagem da Obra, mas, sim, de erradicar uma ideia falsa, transmitindo o que realmente somos.

As pessoas que participam das suas atividades sabem que o Opus Dei não faz política. A sua atuação tem outra dimensão: lembrar que todos, também os políticos, são chamados por Deus a serem santos; e que essa santidade pode e deve ser procurada nas atividades da vida diária, realizando-as por amor a Deus e ao próximo.

Ora, se a Obra tivesse posição política, trairia a sua finalidade, já que de alguma forma estaria privando dessa mensagem quem possuísse uma visão política diversa. Em Roma, convivi com são Josemaria, fundador do Opus Dei, de 1969 a 1975. Nesse período, nunca o ouvi falar de política. Falava, sim, de conviver e dialogar com todos. Dizia que caridade, mais do que em dar, consiste em compreender.

São Josemaria era o oposto do que se poderia esperar de um conservador. Estava aberto às novidades, queria aprender, inovar. Quando passou uma temporada no Brasil, entre maio e junho de 1974, dizia que tinha aprendido muito do povo brasileiro: da nossa cordialidade, da nossa alegria, dessa convivência aberta a todos. E estava, na época, com 72 anos!

Ao mesmo tempo, foi muito incisivo ao nos dizer que aqui havia muito trabalho a fazer, que era preciso melhorar a condição de vida de muitas pessoas. Ao visitar o Centro Social Morro Velho, e também numa conversa com dom Paulo Evaristo Arns, afirmava que não seria cristão permanecer indiferente a tanta desigualdade. Sob o seu impulso nasceram muitas iniciativas sociais no Brasil e no mundo.

São Josemaria foi pioneiro no ecumenismo, rompendo, ainda nos anos 40, resistências na Santa Sé, ao solicitar que, no Opus Dei, houvesse cooperadores de todas as religiões, também ateus. Hoje, é uma realidade em todos os países nos quais a Obra trabalha: cooperadores protestantes, evangélicos, judeus, muçulmanos... Mas e a relação do Opus Dei com o governo de Franco na Espanha? Faz anos que se esclarece esse tema, e talvez aqui tenhamos falhado ao comunicar. Em primeiro lugar, o Opus Dei não apoiou Franco. Segundo: houve muitos membros do Opus Dei que fizeram oposição a Franco; por isso, alguns

tiveram que se exilar. Por outro lado, alguns poucos membros do Opus Dei colaboraram com o governo de Franco. E por que o Opus Dei não fez nada? Simplesmente porque o Opus Dei não interfere nas atividades políticas dos seus membros, e cada um atua como lhe parece mais conveniente. A liberdade sempre implica riscos, e o Opus Dei prefere correr esses riscos. Agora, por outro ângulo: o que pode ter a ver com Franco uma dona de casa do Cazaquistão, um estudante universitário do Congo ou um taxista mexicano que sejam do Opus Dei?

Se alguém quiser saber qual é o projeto de poder do Opus Dei, está convidado a conhecer as suas atividades, para que possa ouvir pessoalmente o que ali se diz. Fala-se de caridade, de excelência nas virtudes, de vida de oração, de aceitar com alegria as contrariedades, de castidade, de trabalhar com competência etc.

Não poderia ser de outra forma: essa é a mensagem da Igreja Católica, e o Opus Dei nada mais é do que uma pequena parte da igreja, que não tem um projeto de poder, e sim um projeto de serviço.

Monsenhor Vicente Ancona Lopez, 61, é vigário regional da prelazia do Opus Dei no Brasil.